

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS  
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)**

**Lucas Oliveira Sanfelice**

**A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA NAS OPERAÇÕES MILITARES**

**Resende  
2019**

**Lucas Oliveira Sanfelice**

**A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA NAS OPERAÇÕES MILITARES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Academia Militar das Agulhas Negras como parte dos requisitos para a Conclusão do Curso de Bacharel em Ciências Militares, sob a orientação do Cap Daniel Leite da Silva.

**Resende**

**2019**

**Lucas Oliveira Sanfelice**

**A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA NAS OPERAÇÕES MILITARES**

---

**Cap Daniel Leite da Silva**  
**Orientador**

**Resende**  
**2019**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, em especial a minha mãe Lédia, por toda a minha formação pessoal durante os anos da minha vida antes de me tornar militar do Exército Brasileiro, por me darem todo arcabouço moral que me fez encontrar nas Forças Armadas uma instituição condizente com os meus preceitos éticos.

Agradeço a minha mulher Millene, por todo amparo e carinho nos momentos mais difíceis que passei e por estar sempre ao meu lado acreditando em mim em momentos que nem eu acreditava.

Agradeço a todos meus amigos e familiares, por torcer e sofrer junto comigo em cada dificuldade vencida; em especial meus companheiros do Material Bélico que se tornaram a minha segunda família.

Agradeço ao meu oficial orientador pelo azimute dado, fazendo com que este trabalho seja apenas mais um obstáculo a ser vencido na eterna Academia Militar das Agulhas Negras.

Por fim, agradeço ao Deus dos Exércitos, por todas as vezes que senti meu espírito desvanecer e Tu enviaste o teu espírito para me levantar.

## RESUMO

SANFELICE, Lucas Oliveira. **A importância da língua inglesa nas operações militares.** Resende: AMAN, 2019. Monografia.

Estudo de cunho bibliográfico e posteriormente realizado um estudo de caso com cadetes do 4º ano da Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN, no intuito de verificar a importância da língua inglesa nas operações militares. Foi feito um apanhado histórico a respeito da origem, histórico e características da língua inglesa. Posteriormente foi verificada a importância da língua inglesa nas operações militares e ao final, o estudo de caso comprovou a veracidade de toda a parte teórica, corroborando com a ideia de que é de grande importância que o militar conheça a língua inglesa a fim de utilizá-la nas operações militares, o que poderá ser fundamental para definir o sucesso ou não da missão.

**Palavras-chave:** Língua inglesa. Operações militares. Importância.

## ABSTRACT

SANFELICE, Lucas Oliveira. **The importance of the English language in military operations**. Resende: AMAN, 2019. Monograph.

A bibliographic study was carried out and a case study was carried out with 4th year of cadets from the Agulhas Negras Military Academy - AMAN, to verify the importance of the English language in military operations. A historical survey was made regarding the origin, history and characteristics of the English language. Later, the importance of the English language was verified in the military operations and in the end, the case study verified the veracity of the whole theoretical part, corroborating with the idea that it is of great importance that the military knows the English language in order to use it, in military operations, which may be fundamental to define the success or otherwise failure of the mission.

**Keywords:** English language. Military operations. Importance.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Revisão da literatura .....</b>	<b>10</b>
<b>2.2 Tipos de pesquisa .....</b>	<b>11</b>
<b>2.3 Métodos .....</b>	<b>11</b>
<b>2.4 População e amostra.....</b>	<b>11</b>
<b>3 LÍNGUA INGLESA: ORIGEM, HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1 Características do inglês moderno .....</b>	<b>13</b>
<b>4 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA NAS OPERAÇÕES MILITARES .....</b>	<b>15</b>
<b>4.1 Aprendendo com erros passados.....</b>	<b>17</b>
<b>5 ESTUDO DE CAMPO .....</b>	<b>20</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXO 1 – ENTREVISTA COM OS CADETES.....</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Dentre as preocupações do Exército Brasileiro sempre esteve presente a necessidade de preparar seus militares para as mais diversas missões em que podem ser empregados. Insere-se nesse contexto a importância da língua inglesa em todas as operações combinadas em que as FFAA brasileiras atuam em cooperação com nações amigas. O tema se torna ainda mais relevante quando consideramos que apenas 3% da população brasileira domina o idioma.

As experiências passadas por militares que necessitaram utilizar o idioma em operações combinadas como a MINUSTAH (sigla derivada do francês: Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haiti), além de militares executando o plano de visitas e outras atividades em nações amigas (PVANA), demonstram que a falta da fluência no idioma pode prejudicar não apenas a convivência com militares de outras nações como também o bom cumprimento das missões.

Ficará de fora deste estudo o grande salto profissional que o inglês pode ocasionar na carreira pois o assunto já é debatido em demasia; e a conclusão que se chegou é a de que a fluência no idioma deixou de ser diferencial para ser exigência já há algum tempo. Analisamos aqui especificamente o inglês como meio de comunicação sob o qual as ordens de operações e os *briefings* são emanados, referindo-me ao inglês que se encontra em boa parte dos manuais, aeronaves e demais PRODE (produtos de defesa) tanto do Exército Brasileiro como dos exércitos do mundo.

O bom entendimento não é uma opção. Uma boa analogia que se faz é a seguinte: espera-se de um médico que ele seja capaz de utilizar seu equipamento, e espera-se de um mecânico que ele consiga consertar o seu veículo. Da mesma maneira espera-se do militar o domínio de suas ferramentas e a capacidade de projetar a força de uma nação para além das fronteiras; mas qual será a real importância de se debruçar sobre o idioma e aprendê-lo?

Com base nesse questionamento, esse estudo busca esclarecer algumas das ideias referentes à importância da língua inglesa analisando relatos, passagens e experiências de militares do Exército Brasileiro atuando em atividades diversas que fizeram uso do idioma, e expõem suas observações.

Justifica-se, essa pesquisa, uma vez que necessário se faz uma análise sobre se o aprendizado da língua inglesa pelos militares do Exército Brasileiro constitui-se fator primordial para o processo de modernização da Força Terrestre, e para que futuras gerações que venham a se debruçar sobre o assunto tenham material suficiente para entender essa questão e tirar maior proveito da relevância da língua inglesa para sua carreira.



Este trabalho tem por objetivo demonstrar a importância da Língua Inglesa para os militares do Exército Brasileiro durante atividades diversas. Para a realização do estudo foram utilizados os seguintes objetivos específicos: demonstrar a relevância do Inglês em atividades militares como os Planos de Visitas e outras Atividades em Nações Amigas (PVANA); demonstrar a relevância do Inglês em atividades militares diversas.

Assim sendo, cabe problematizar a questão: qual a importância da língua inglesa para o oficial do Exército Brasileiro atuar em operações militares?

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos utilizados foram os seguintes: leituras preliminares para aprofundamento do tema; definição e elaboração dos instrumentos de coleta de dados e definição das etapas de análise do material. Ao serem estabelecidas as bases práticas para a pesquisa, procurou-se garantir a execução da pesquisa seguindo o cronograma proposto além de propiciar a verificação das etapas de estudo.

### 2.1 Revisão da literatura

Conforme Barbosa (2008) ressalta, a língua inglesa está diretamente relacionada à construção de verdades, mencionando o fato significativo de que até 90% do conhecimento científico é vinculado em língua inglesa. Então faz-se a indagação: seria interessante que o Oficial do Exército Brasileiro tenha acesso ao conhecimento científico que é produzido no mundo e aceito pela comunidade internacional?

A autora supracitada ainda salienta que uma das missões institucionais do Exército Brasileiro é “participar de operações internacionais, de acordo com os interesses do País” e ainda “ser um Exército (...) respeitado na comunidade global como poder militar terrestre apto a respaldar as decisões do Estado, que coopera para a paz mundial e fomenta a integração regional” (BARBOSA, 2008, p. 1).

De acordo com Oliveira (2014), a comunicação militar pode às vezes parecer abrupta e direta a civis e forasteiros, mas em um cenário militar é preciso dizer a coisa certa no momento certo, o que pode ser o motivo pelo qual os militares às vezes parecem reservados ou vão direto ao ponto. Para ser eficiente, eles precisam ficar calmos e, muitas vezes, não precisam falar para se comunicar, pois têm sua linguagem e códigos não ditos.

No contexto da cooperação internacional que agora existe além-fronteiras, os militares precisam ser capazes de se comunicar não apenas com "o inimigo", mas também com parceiros de diferentes forças nacionais. Com o predomínio dos EUA em órgãos internacionais como a OTAN e as Nações Unidas, o inglês se tornou a língua mais utilizada pelos militares em todo o mundo. Mas, como qualquer outro tipo de linguagem, o inglês militar tem seu próprio vocabulário, siglas e expressões idiomáticas. Portanto, é essencial que os militares envolvidos em projetos ou operações internacionais desenvolvam habilidades linguísticas apropriadas (OLIVEIRA, 2014).

De acordo com Almeida (2000), ser capaz de falar o inglês é altamente benéfico para

os militares. Ele pode permitir que os mesmos se socializem com as comunidades locais, onde são implantados em operações de manutenção da paz. A história provou que o apoio da população local é vital para garantir o sucesso de uma campanha militar. É preciso estar preparado para lidar com a diversidade linguística e ter tradutores para se comunicar efetivamente com parceiros locais.

O treinamento em idiomas, como cursos de inglês, pode trazer imensos benefícios para os militares que trabalham em organizações internacionais ou para enviar missões de paz no exterior. Falar outro idioma os ajudará a se comunicar efetivamente com seus colegas estrangeiros ou a construir relacionamentos com as populações locais e melhorar o sucesso de sua implantação (ALMEIDA, 2000).

## **2.2 Tipos de pesquisa**

Foi realizada uma pesquisa exploratória, que “é desenvolvida com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 1999, p.27). O levantamento bibliográfico marca presença nesse tipo de pesquisa, além de sondagem e construção de hipóteses.

Foi realizado um estudo de caso com cadetes do 4º ano da AMAN.

## **2.3 Métodos**

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, onde a princípio foram encontrados autores como: Barbosa (2008), Almeida (2000) e Oliveira (2014), os quais forneceram embasamento para o projeto, além de outros autores pesquisados posteriormente.

Foi realizado um estudo de caso com cadetes do 4º ano da AMAN, através de um questionário virtual.

## **2.4 População e amostra**

Foi feito um estudo de caso com cadetes do 4º ano da AMAN, os quais responderam a um questionário virtual a respeito da importância da língua inglesa para as operações militares.

### 3 LÍNGUA INGLESA: ORIGEM, HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS

Segundo Pires (2000), a língua inglesa é uma língua germânica ocidental da família da língua indo-europeia que é estreitamente relacionada às línguas frísias, alemãs e holandesas (na Bélgica, chamadas flamengas). O inglês teve origem na Inglaterra e é a língua dominante dos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália, Irlanda, Nova Zelândia e várias nações insulares no Mar do Caribe e no Oceano Pacífico. É também uma língua oficial da Índia, Filipinas, Singapura e muitos países da África subsaariana, incluindo a África do Sul. O inglês é a primeira escolha de língua estrangeira na maioria dos outros países do mundo, e é esse status que lhe deu a posição de uma língua franca global. Estima-se que cerca de um terço da população mundial, cerca de dois bilhões de pessoas, agora usa o inglês.

O inglês pertence à família de línguas indo-europeias e, portanto, está relacionado à maioria das outras línguas faladas na Europa e na Ásia ocidental, da Islândia à Índia. A língua-mãe, chamada proto-indo-europeia, foi falada há cerca de 5 mil anos por nômades que acreditavam ter percorrido as planícies do sudeste da Europa. O germânico, um dos grupos linguísticos descendentes desse discurso ancestral, é geralmente dividido por estudiosos em três grupos regionais: leste (burgúndio, vândalo e gótico, todos extintos), norte (islandês, faroense, norueguês, sueco e dinamarquês) e o oeste (alemão, holandês [e flamengo], frísio e inglês). Embora estreitamente relacionado ao inglês, o alemão continua sendo muito mais conservador que o inglês em sua manutenção de um sistema de inflexões bastante elaborado. O frisão, falado pelos habitantes da província holandesa da Frísia e pelas ilhas da costa oeste de Schleswig, é a língua mais relacionada com o inglês moderno. O islandês, que pouco mudou nos últimos mil anos, é a língua viva que mais se assemelha ao inglês antigo em estrutura gramatical (PIRES, 2000).

De acordo com Schultz (2008), o inglês moderno é analítico (isto é, relativamente não-flexionado), enquanto o proto-indo-europeu, a língua ancestral da maioria das línguas europeias modernas (por exemplo, alemão, francês, russo, grego), era sintético ou flexionado. Durante o curso de milhares de anos, as palavras inglesas foram lentamente simplificadas a partir das formas variáveis flexionadas encontradas em sânscrito, grego, latim, russo e alemão, em direção a formas invariáveis, como em chinês e vietnamita. Em inglês, apenas substantivos, pronomes (como em ele, ela, seu), adjetivos (como em grande, maior) e verbos são flexionados. O inglês é a única língua europeia que emprega adjetivos não flexionados. Além da simplicidade das inflexões, o inglês tem duas outras características básicas: flexibilidade de função e abertura de vocabulário.

A flexibilidade da função cresceu nos últimos cinco séculos como consequência da perda de inflexões. As palavras anteriormente distinguidas como substantivos ou verbos por diferenças em suas formas agora são frequentemente usadas como substantivos e verbos. Pode-se falar, por exemplo, de planejar uma mesa ou apresentar um plano, reservar um lugar ou colocar um livro, levantar um polegar ou manusear um elevador. Nas outras línguas indo-europeias, além de raras exceções nas línguas escandinavas, substantivos e verbos nunca são idênticos por causa da necessidade de separar nomes e terminações verbais. Em inglês, formas para pronomes tradicionais, adjetivos e advérbios também podem funcionar como substantivos; adjetivos e advérbios como verbos; e substantivos, pronomes e advérbios como adjetivos (SCHULTZ, 2008).

Fala-se em inglês da Feira do Livro de Frankfurt, mas em alemão é preciso acrescentar o sufixo -a ao nome do lugar e colocar o atributo e substantivo juntos como um composto, *Frankfurter Buchmesse*. Em francês não se tem escolha senão construir uma frase envolvendo o uso de duas preposições: *Foire du Livre de Francfort*. Em inglês, agora é possível empregar um substantivo plural como adjuvante (modificador), como no quadro de salários e no editor de esportes; ou até mesmo um grupo conjuncional, como no comitê de política de preços e rendas e parques e jardins. Qualquer classe de palavras pode alterar sua função desta maneira: os *ins* e *outs* (preposições se tornando substantivos), sem *buts* (conjunção se tornando substantivo) (SCHULTZ, 2008).

Para Pires (2000), a abertura do vocabulário implica a livre admissão de palavras de outras línguas e a pronta criação de compostos e derivados. O inglês adota (sem alteração) ou adapta (com pequenas alterações) qualquer palavra realmente necessária para nomear algum novo objeto ou para denotar algum novo processo. Palavras de mais de 350 idiomas entraram em inglês dessa maneira. Como o francês, o espanhol e o russo, o inglês frequentemente forma termos científicos a partir dos elementos da palavra grega clássica. Apesar de ser uma língua germânica em seus sons e gramática, a maior parte do vocabulário inglês é, na verdade, de origem românica ou clássica.

O inglês possui um sistema de ortografia que nem sempre reflete com precisão a pronúncia das palavras.

### **3.1 Características do inglês moderno**

Segundo Oliveira (2014), a *British Received Pronunciation* (RP), tradicionalmente definida como o discurso padrão usado em Londres e no sudeste da Inglaterra, é uma das

muitas formas (ou sotaques) do discurso padrão em todo o mundo de língua inglesa. Outras pronúncias, embora não sejam padronizadas, são frequentemente ouvidas no domínio público. Estima-se que uma porcentagem muito pequena da população da Inglaterra usa RP “pura” (embora a porcentagem real seja tão desconhecida quanto o que constitui RP “pura”). É considerado o sotaque de prestígio em instituições como o serviço civil e a BBC e, como tal, tem associações com riqueza e privilégios na Grã-Bretanha.

As principais diferenças entre RP, como definido acima, e uma variedade de inglês americano, como *Inland Northern* (a forma de fala do oeste da Nova Inglaterra e seus derivados, popularmente conhecida como General American), estão na pronúncia de certas vogais individuais e ditongos. As vogais do interior da América do Norte às vezes têm deslizamentos finais semiconsonânticos (isto é, sons que se assemelham a w inicial, por exemplo, ou y inicial) (OLIVEIRA, 2014).

Além dos glides finais, esse sotaque americano mostra quatro divergências do inglês britânico: (1) as palavras bacalhau, caixa, doca, quente, e não pronunciadas com um som baixo (ou meio longo) como no bardo britânico encurtado. (os termos frente, costas, baixo e alto se referem à posição da língua); (2) palavras como broto, mas, corte e degrau são pronunciadas com uma vogal central como na sílaba final áurea do sofá; (3) antes dos sons fricativos s, f e θ (o último deles é o th th sound in thin) a longa vogal posterior baixa a, como no banho britânico, é pronunciada como uma vogal frontal curta a, como em *British bad*; (4) as vogais altas posteriores seguindo os sons alveolares t e d e o som nasal n em palavras como tulipas, orvalho e notícias são pronunciadas sem deslizar como no inglês britânico. Em vários sotaques americanos, no entanto, esses deslizamentos ocorrem (OLIVEIRA, 2014).

#### 4 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA NAS OPERAÇÕES MILITARES

Segundo Fernandes (2008), à medida que as sensibilidades linguísticas e culturais se incorporam cada vez mais às operações militares, as autoridades de defesa estão promovendo várias iniciativas para aumentar o número de membros e funcionários com habilidades críticas no idioma.

Paralelamente ao surgimento da língua inglesa como ferramenta essencial para determinar sucesso no campo do comércio global, após a fundação da OTAN a língua inglesa também se tornou principal fator que afeta o sucesso das operações militares em todo o mundo (FERNANDES, 2008).

Os problemas da aldeia global envolvem soluções globais. Operações Multinacionais são operações conduzidas por forças de duas ou mais nações, geralmente realizadas dentro da estrutura de uma coalizão ou aliança. Os fatores representando a guerra moderna são os seguintes: um campo de batalha integrado; operações conjuntas combinadas lideradas por comandantes com uma responsabilidade em toda a cadeia de comando; emprego e integração de armas de longo alcance, precisas e letais; ciclo de decisão reduzido a minutos; implantação global de tropas; uso de grandes redes com informações distribuídas (FERNANDES, 2008).

De acordo com Euzébio *et al.* (2017), em um campo de batalha tão grande, cheio de tropas espalhadas pelos continentes, soldados multinacionais liderados por comandantes de diferentes culturas, é um verdadeiro desafio derrotar o inimigo. A este respeito, o Inglês surgiu como uma língua sistematicamente utilizada para possibilitar a comunicação entre soldados de várias nacionalidades que vivem e lutam juntos.

O fato de que as estruturas de comando multinacionais necessitam de relações civis-militares robustas, organização intergovernamental e organizações não-governamentais, a coordenação organizacional também levou à ascensão do inglês como língua global franca. Além disso, a ação unificada é a sinérgica aplicação de todos os instrumentos de poder nacional e multinacional; inclui as ações de organizações não-militares, bem como forças militares. Este conceito é aplicável em todos os níveis de comando. Em um ambiente multinacional, unificado, ações sincronizadas e integradas às operações multinacionais com as operações de agências intergovernamentais e não-governamentais na tentativa de alcançar a unidade de esforço na área operacional (EUZÉBIO *et al.*, 2017).

União Europeia opera em 20 línguas oficiais desde que dez novos Estados membros aderiram ao corpo legislativo no ano passado. Com custos anuais de tradução que ultrapassam 1,3 bilhão de dólares (EUA), algumas pessoas questionam se as instituições da União estão sendo sobrecarregadas pelo multilinguismo. Portanto, o papel do Inglês em garantir ação unificada multinacional entre os militares, unidades governamentais e não-governamentais com custos razoáveis é bastante óbvia. Assim, economizando bilhões de dólares não gastos em tradução de mensagens, a OTAN deve muito ao inglês (MUSTAFA, 2012, p. 282).

Mustafa (2012) afirma que em um mundo em rápida mutação, dificilmente é possível operar com sucesso em um campo de batalha complexo de uma base monocultural e monolíngue. Depois da guerra mundial o general Dwight D. Eisenhower observou que “confiança mútua” é a base que fará com que os comandos aliados funcionem. Membros de todas as forças-tarefa multinacionais devem levar em consideração os seguintes princípios: garantir o sucesso das missões e a união de esforços. Conseguir isso certamente exigirá domínio de uma língua comum falada por cada membro da Força Multinacional.

Respeito: ao atribuir missões, o comandante deve considerar que honra e prestígio podem ser tão importantes para uma nação contribuinte quanto a capacidade de combate. Compreensão, consideração e aceitação de ideias de parceiros são essenciais para uma comunicação eficaz, assim como o respeito pela cultura, religião, costumes, história e valores (MUSTAFA, 2012).

Relações: comandantes e equipes devem estabelecer relações com seus homólogos dos países parceiros. Isso requer algo pessoal, um relacionamento direto que só eles podem desenvolver. Bom relacionamento entre líderes vai melhorar o trabalho em equipe entre seus funcionários e comandantes subordinados e unidades globais (MUSTAFA, 2012).

Conhecimento de parceiros: comandantes e suas equipes devem ter uma compreensão de cada membro da Força Multinacional. Muito tempo e esforço é gasto em aprender sobre o inimigo; um esforço semelhante é necessário para entender a doutrina, capacidades, objetivos estratégicos, cultura, religião, costumes, história e valores de cada parceiro. Isso garantirá a eficácia e integração dos parceiros das Forças Multinacionais na operação e melhorará o efeito sinérgico das forças de coalizão (MUSTAFA, 2012).

Paciência: parcerias eficazes levam tempo e atenção para se desenvolver. A busca diligente de um relacionamento confiante e mutuamente benéfico com parceiros multinacionais exigem paciência incansável e imparcial. Isto é mais fácil de realizar dentro de alianças, mas é igualmente necessário parceiros de coalizão prospectivos (MUSTAFA, 2012).

De acordo com Fernandes (2008), desde a compreensão de que os parceiros são essenciais para uma missão ser realizada, a competência intercultural é um componente vital



da linguagem e aprendizagem para o militar. Portanto, como parte de seu currículo, os aprendizes de inglês também precisam ser ajudados a desenvolver a competência intercultural: a sensibilidade a outras normas culturais e a capacidade de se adaptar e funcionar adequadamente quando interagindo com pessoas de outras culturas. O inglês como língua franca é uma língua livre de cultura, na medida em que naturalmente expressa a cultura de seus falantes, e pode, portanto, funcionar como um veículo para uma ampla variedade de culturas.

Falado na Europa, América do Sul e variedades nativas centrais da Austrália, sendo adotadas como segunda língua em muitas partes da África e da Ásia, o inglês trouxe a conveniência da comunicação global com várias formas em todo o mundo. Desempenhando um papel importante na criação de uma comunidade global e desenvolvimento da cidadania planetária, o inglês como língua franca merece ser um assunto essencial a ser estudado tanto no âmbito civil como no currículo militar (FERNANDES, 2008).

#### **4.1 Aprendendo com erros passados**

Segundo Souza Júnior (2015) a primeira experiência do Brasil ao ceder tropas das Forças Armadas para a ONU ocorreu no território do Egito, na crise de Suez, onde o Batalhão de Suez contava com um número de 600 oficiais e praças do Exército, sabedores de que a língua oficial a ser utilizada fora do Batalhão seria o inglês.

Como não havia tido preparo por parte da tropa a respeito da utilização de outras línguas, houve a necessidade de utilizar militares voluntários que pudessem estabelecer esse tipo de comunicação entre as demais delegações da Missão e junto ao Quartel General da UNEF, para tratar de assuntos administrativos (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Observou-se naquela Batalha a necessidade de militares que falassem outro idioma, uma vez que nem mesmo os Comandantes podiam fazê-lo. Muito embora utilizasse o serviço dos militares voluntários, observa-se que em alguns momentos a qualidade do serviço era duvidosa, o que poderia envolver o sucesso da missão (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Desta forma, criou-se a Seção de Intérpretes no Batalhão Suez, o qual foi reconhecida pelo brilhante trabalho prestado nas Missões de Paz da ONU no Oriente Médio (SOUZA JÚNIOR, 2015).

No ano de 1994 militares brasileiros foram em Missão de Paz a Moçambique, observando-se um retrocesso no que diz respeito aos intérpretes, uma vez que o idioma local era o Português; no entanto, para comunicar-se com o Comando Regional a língua adotada era

o inglês. Assim, no Comando Regional ficava o único militar que falava inglês, o qual foi designado para o cargo sem prestar concurso, apenas porque era o que melhor poderia se comunicar em inglês (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Na Missão de Paz no Timor-Leste novamente passa-se pela fase crítica de não haver intérprete para o inglês, contando a Missão com 50 Policiais do Exército e um oficial superior comandante, sendo deixado de lado a importância de um intérprete (SOUZA JÚNIOR, 2015).

No entanto, Souza Júnior (2015) ao falar da Missão de Paz no Haiti que teve início em 2004, MINUSTAH, salienta a importância da utilização de intérpretes e tradutores, somando-se um total de 164 militares, entre homens e mulheres, que tiveram essa função, utilizando-se a língua inglesa e francesa.

Tais militares foram selecionados diretamente pelo Gabinete do Comandante do Exército, os quais realizaram testes de idiomas e foram classificados de acordo com o Índice de Proficiência Linguística (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Devido às necessidades de tradutores e intérpretes verificado nas Missões de Paz, em 2011 criou-se no Centro de Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), no Rio de Janeiro, um estágio que teve duração de uma semana para militares que foram selecionados para o Haiti em 2012 (SOUZA JÚNIOR, 2015).

O ETIM, Estágio para Tradutores e Intérpretes Militares, o qual tinha por prioridade trabalhar o treinamento de técnicas, independente do conteúdo específico, o qual seria empregado nas Missões de Paz do Haiti (SOUZA JÚNIOR, 2015).

No ano de 2012 há apenas um ETIM, onde foram dadas técnicas para o exercício das funções de tradutor e intérprete e a partir de 2013 o estágio é modificado e sua sigla passa a ser ETIMIL, dividindo-se a preparação em duas fases: a primeira à distância, com 80 horas de duração e uma fase presencial com 40 horas, totalizando assim 120 horas de estágio. Salienta-se que a fase presencial está atrelada à prática (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Igualmente importante foi inserir no curso as novas tecnologias aplicadas à tradução como ferramentas CAT (software de tradução), tradução automática, uso de corpora online, glossários, dentre outras (SOUZA JÚNIOR, 2015).

De acordo com Souza Júnior (2015) a tradução simultânea é muito difícil, então no ano de 2014 foram incorporadas à ETIMIL oficinas de tradução à primeira vista, interpretação por telefone, técnicas de gerenciamento de estresse e técnicas de anotação. O processo conta com 19 avaliações escritas e práticas, no intuito de verificar o desempenho.

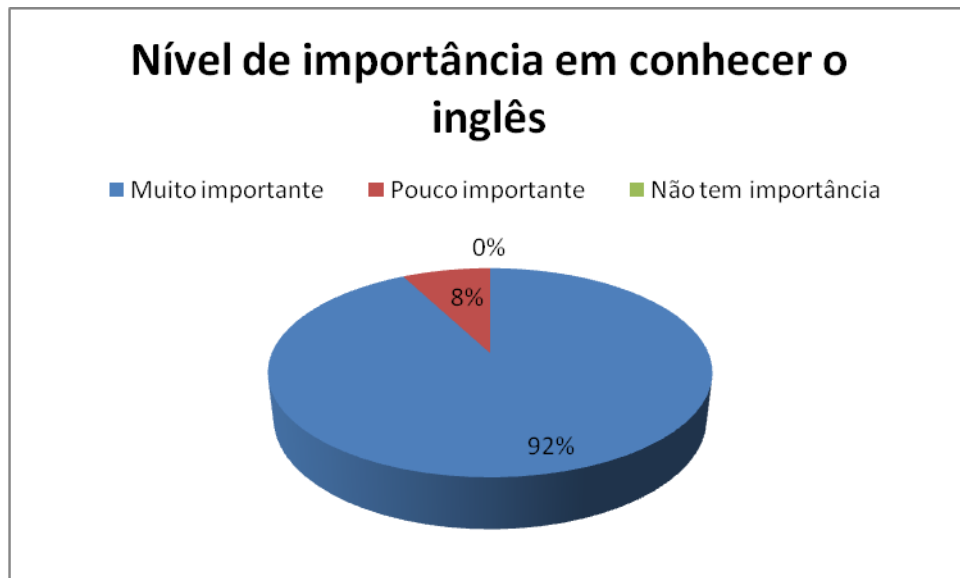
Em 2015 foi incluído o CPTM da ONU (Core Pre-deployment Training Material), levando aos militares um melhor conhecimento a respeito das operações de paz da ONU e assuntos correspondentes (SOUZA JÚNIOR, 2015).

## 5 ESTUDO DE CAMPO

Foi realizado um estudo de campo com 26 cadetes do 4º ano da AMAN, os quais responderam a uma entrevista virtual, com a finalidade de verificar o conhecimento que os mesmos possuem a respeito de outros idiomas e a importância da língua inglesa nas operações militares.

A primeira pergunta diz respeito a como o entrevistado classifica o nível de importância de o militar conhecer a língua inglesa em operações militares, tendo sido dado 3 opções: Muito importante; pouco importante; não tem importância.

92% dos entrevistados disseram ser muito importante, 8% disseram ser pouco importante e nenhum considerou que não há importância.



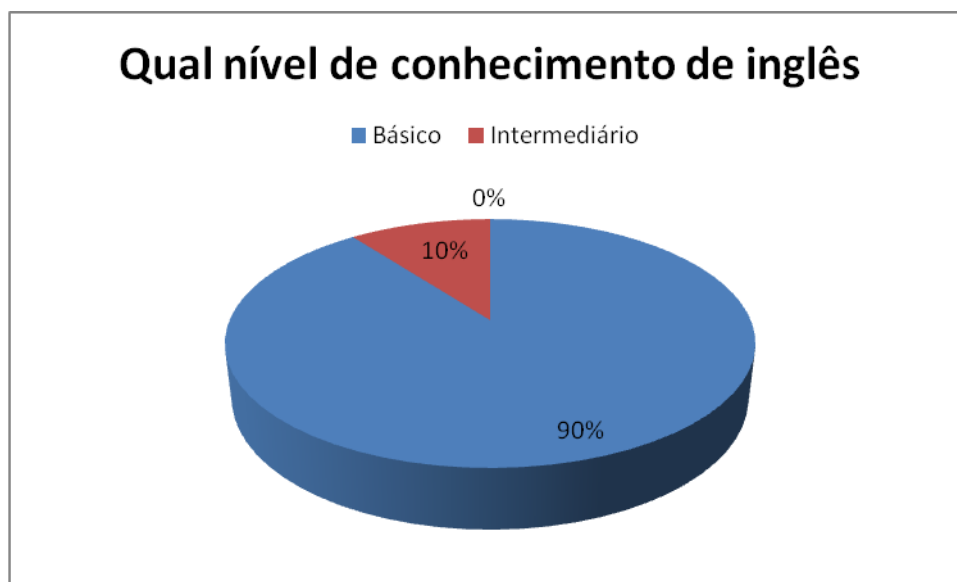
**Gráfico 1: Nível de importância do militar conhecer a língua inglesa em operações militares**  
Fonte: Do autor, 2019.

Com relação aos entrevistados terem ao menos o nível básico de inglês, 96% dos entrevistados possuem ao menos o nível básico, 4% não possuem nem mesmo o nível básico, conforme se observa pelo gráfico abaixo:



**Gráfico 2: Possui nível básico de inglês**  
Fonte: Do autor, 2019.

A respeito de como classificam seu conhecimento na língua inglesa, tendo sido dado as opções: básico, intermediário e avançado, 90% consideram possuir nível básico; 10% consideram possuir nível intermediário e nenhum entrevistado possui o nível avançado.



**Gráfico 3: Nível de conhecimento de inglês**  
Fonte: Do autor, 2019.

Com relação ao Exército Brasileiro dar oportunidade para os militares aprenderem a língua inglesa, 100% dos entrevistados disseram que a instituição dá oportunidades para que os militares aprendam a língua inglesa.



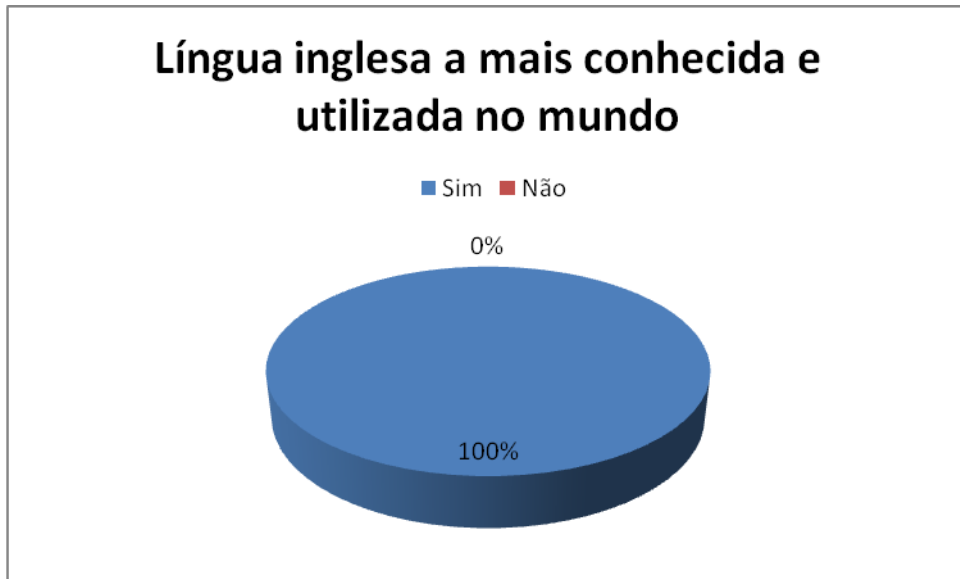
**Gráfico 4: Exército Brasileiro dá oportunidade de aprender a língua inglesa**  
**Fonte: Do autor, 2019.**

Questionados se já se viram em alguma situação, durante uma operação militar, em que fosse necessário conhecimento da língua inglesa, 83% alegaram que sim, 17% disseram que nunca se viram nessa situação.



**Gráfico 5: Situação em que foi necessário o inglês**  
**Fonte: Do autor, 2019.**

A respeito de considerar a língua inglesa a mais conhecida e utilizada em todo o mundo, 100% dos entrevistados disseram que concordam com essa assertiva.



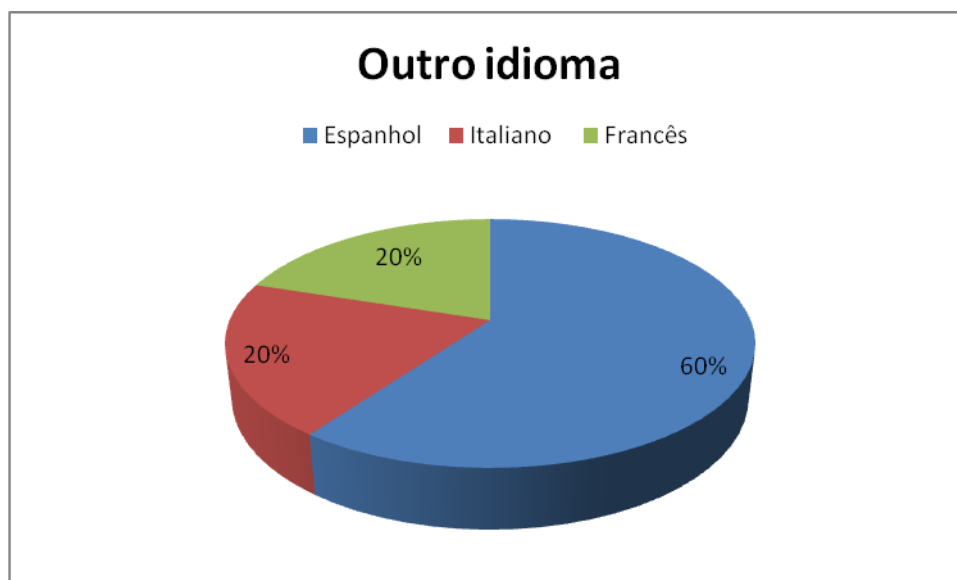
**Gráfico 6: Língua inglesa a mais conhecida e utilizada no mundo**  
 Fonte: Do autor, 2019.

Sobre terem conhecimento de outro idioma além do português, com exceção do inglês, 72% disseram que não conhecem outro idioma, 28% disseram que conhecem.



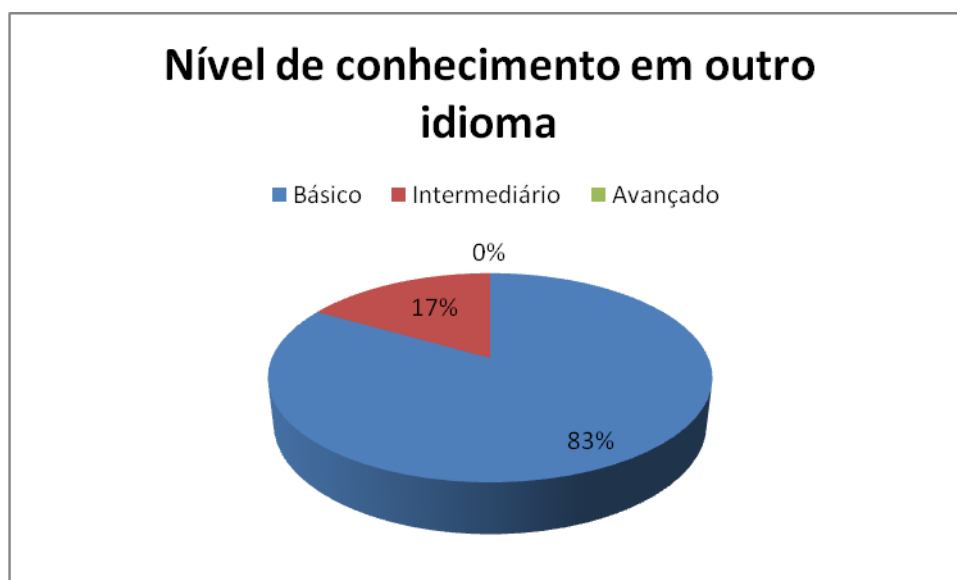
**Gráfico 7: Ter conhecimento de outro idioma com exceção do inglês**  
 Fonte: Do autor, 2019.

Aos que responderam sim, foi questionado qual seria esse outro idioma, 60% disseram ser espanhol, 20% italiano e 20% francês.



**Gráfico 8: Conhecimento em outro idioma**  
Fonte: Do autor, 2019.

Com relação ao nível de conhecimento nesse outro idioma, sendo dadas as opções: Básico, Intermediário e Avançado, 83% disseram ser nível básico e 17% disseram ser nível intermediário. Nenhum entrevistado possui nível avançado em outro idioma.



**Gráfico 9: Nível de conhecimento em outro idioma**  
Fonte: Do autor, 2019.

Após fazer a coleta de dados e tabulação dos mesmos, observou-se que a língua inglesa é considerada importante em uma operação militar para 100% dos entrevistados,



muito embora 4% dos entrevistados não possuem nem mesmo o nível básico em língua inglesa.

100% dos entrevistados assentiram que o Exército Brasileiro disponibiliza meios para que os militares aprendam o idioma, sendo que 83% já precisaram do idioma em operações militares.

100% dos entrevistados concordam que a língua inglesa é a mais conhecida e falada no mundo, 28% possuem conhecimento em outro idioma que não seja a língua inglesa. 60% têm conhecimento em espanhol, 20% em italiano e 20% em francês.

83% dos entrevistados possuem nível básico em outro idioma que não seja a língua inglesa e 17% nível intermediário.

Assim sendo, conclui-se que a língua inglesa é de suma importância para as operações militares, sendo que o EB disponibiliza meios para que os militares aprendam o idioma. Uma grande maioria possui nível básico de conhecimento da língua, bem como uma pequena parte possui conhecimento em outras línguas, muito embora em nível básico.

## CONCLUSÃO

A comunicação parece ser uma parte inseparável da prática militar profissional e, inversamente, a especialização comunicativa é parte essencial de ser um profissional, sendo também uma parte decisiva da aprendizagem para se tornar um profissional. Em seu processo de aprofundamento em conhecimentos e práticas disciplinares, os cadetes, como futuros oficiais, precisam desenvolver tanto a alfabetização acadêmica quanto a profissional, isto é, a aquisição de conhecimentos de línguas disciplinares da profissão militar, tanto do conteúdo disciplinar quanto da alfabetização da comunicação efetiva em inglês.

A respeito da disciplina militar, essa pesquisa destacou um veículo importante para o sucesso profissional do futuro oficial do Exército Brasileiro, a aquisição de competência comunicativa em inglês. O aprendizado na comunicação militar deve, portanto, ajudar esses aprendizes a se familiarizarem, em primeiro lugar, com os recursos genéricos, léxico-gramaticais e retóricos do discurso militar.

A comunicação militar bem-sucedida requer o cumprimento de requisitos linguísticos e sociolinguísticos. Assim entendida, a competência da comunicação profissional não envolve apenas uma dimensão linguística, mas também tem uma dimensão interpessoal; não se destina apenas a produzir uma mensagem linguisticamente correta, mas também a atingir objetivos profissionais, transmitir uma mensagem, mas através dela transmitir valores e crenças disciplinares.

No contexto militar, demonstrou-se que a competência comunicativa vai além das palavras, o que envolve a consideração do contexto social e das regras sociais de uso. A criação de um ambiente de aprendizagem significativo deve, portanto, ser sensível às variações sociais da comunicação e dos diferentes contextos sociolinguísticos subjacentes ao uso da linguagem e promover o desenvolvimento de estratégias comunicativas adequadas.

No caso das Forças Armadas, como as descobertas da pesquisa mostraram, as prioridades educacionais devem ser acomodadas para conscientizar os alunos sobre um contexto de comunicação intercultural. Um programa de treinamento de idiomas bem-sucedido deve ser produzido para preparar e equipar os futuros oficiais para adquirir a proficiência comunicativa que lhes permite evitar erros fatais de comunicação errônea, comunicar-se com sucesso com a população local e representar adequadamente a instituição militar na arena internacional.

O estudo de caso realizado com cadetes do 4º ano da AMAN comprova claramente a grande importância de se ter conhecimento da língua inglesa nas operações militares.

Também foi constatado que o Exército Brasileiro dá oportunidade aos militares que desejam aprender a língua inglesa a fazê-lo.

A maioria dos entrevistados já sentiu necessidade do conhecimento da língua inglesa durante suas missões, sendo que a maioria deles conhece o básico do idioma.

Assim sendo, o objetivo geral deste estudo foi alcançado, devendo os futuros oficiais terem consciência da importância da língua inglesa em uma operação militar, podendo este conhecimento determinar o sucesso ou não da missão.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. R. P. **História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)**. Tradução: Antonio Chizzotti. São Paulo: EDUC/INEP /Comped, 2000.

BARBOSA, A. M. R. **Modernidade, modernização e o ensino de língua inglesa no Exército Brasileiro**, PADECEME, 2008. Disponível em: <ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/article/download/72/97/>. Acesso em: 23 Set 2018.

FERNANDES, V. **A aprendizagem da língua inglesa na Academia Militar**. Disponível em: <www.comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7006/1/TIA-Fernandes.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2019.

MUSTAFA, E. R. **The role of foreign language in the success of global military operations and english as a global lingua franca**. Disponível em: <www.sobiad.org/ejournals/journal\_ijss/archives/2012\_1/mustafa\_er.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2019.

OLIVEIRA, L. E. **A instrução militar e o ensino de inglês no Brasil**. Disponível em: <www.seer.ufs.br/index.php/revtee/article/viewFile/2219/1890>. Acesso em: 10 fev. 2019.

PIRES, E. C. R. **A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização**. Disponível em: <www.bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/215/1/67%20-%20A%20língua%20inglesa.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SCHULTZ, R. **História da língua inglesa**. Disponível em: <www.docplayer.com.br/5595907-Historia-da-lingua-inglesa.html>. Acesso em: 08 fev. 2019.

SOUZA JÚNIOR, I. A. **Tradução e interpretação militar brasileira em missões de paz da ONU**. Disponível em: <www.usacac.army.mil>. Acesso em: 07 fev. 2019.

**ANEXO 1 – ENTREVISTA COM OS CADETES**

1) Como você classifica o nível de importância do militar conhecer a língua inglesa em operações militares?

Muito importante  Pouco importante  Não tem importância

2) Você tem ao menos o nível básico de instrução em inglês? Se sim, como você classifica seu conhecimento em inglês?

Básico  Intermediário  Avançado

3) O Exército Brasileiro dá oportunidade para os militares aprenderem a língua inglesa?

4) Você já se viu em alguma situação, durante uma operação militar, em que fosse necessário conhecimento da língua inglesa?

5) Você considera a língua inglesa a mais conhecida e utilizada em todo o mundo?

6) Você tem conhecimento de algum outro idioma sem ser o português? Se sim, qual ou quais? Qual o nível de conhecimento neste outro idioma?

Básico  Intermediário  Avançado